

Primeiras-damas tentam driblar tédio

LINA DE ALBUQUERQUE

À vontade num confortável agasalho de ginástica, a então primeira-dama do Estado, Lucy Montoro, fazia sua caminhada matinal no jardim do Palácio dos Bandeirantes, onde morava havia dois anos, quando um guarda correu em sua direção e a impediu de prosseguir. Decerto o zeloso guardião não imaginava que a mulher do governador Franco Montoro pudesse se meter naquele tipo de traje.

“Ter morado em palácio foi como ser hóspede de um apartamento impessoal, dentro de uma repartição pública”, admite Lucy. Ela reconhece que desfrutou algumas regalias de rainha, como nunca ter de se preocupar com o menu — “sempre uma surpresa deliciosa” — mas ga-

rante que não trocava a privacidade de seu apartamento por nenhum outro castelo público.

Nos tempos de primeira-dama, Lucy se ocupava do Fundo Social de Solidariedade, na Água Branca, e quase não pensava em outra coisa. Nos fins de semana, porém, ela passou horas aborrecidas entre as muralhas do Bandeirantes. “Tudo aquilo era vazio, um pouco abafante, e eu me sentia isolada da terra”, queixa-se. Com certa frequência era comum poder flagrá-la bulindo com a monótona estrutura palaciana. Atendia ela própria os telefones ou “palpitava” na cozinha. Numa ocasião, aboliu um dos dois carros da segurança — por constrangimento. Os guarda-costas ignoraram a ordem e continuaram seguindo-a.

Em 83, Lucy plantou pés de

alface, rúcula, rabanete e agrião no jardim do palácio — um ato simbólico da campanha de incentivo às hortas domiciliares promovida pelo Fundo de Solidariedade. Quando o atual governador Orestes Quércia tomou o lugar de seu marido, a horta foi soterrada por uma pista de cooper para uso exclusivo do novo mandatário (hoje desativada por falta de praticantes). “Foi um gesto pouco elegante”, lamenta Lucy.

O Bandeirantes tem um inconveniente extra. A ala residencial e a administração coabitam no mesmo teto. Maria Zilda Natel, que passou por ali nos anos 60 e 70, não tem saudades dos tempos da corte. Ela aprendeu a conviver com camundongos em sua casa, abundantes devido ao papel acumulado no setor administrativo.

“Um deles até recebeu de minha nora”, o apelido de Joãozinho, diverte-se hoje.

Quase todas as manhãs, Maria Zilda era acordada com o barulho de obras — um salão e dois quartos estavam sendo ampliados em seu apartamento, para receber a rainha da Inglaterra — ou com a conversa dos guardas, cuja repartição ficava embaixo de sua janela. “Quando passo hoje em frente do Palácio dos Bandeirantes só tenho a sensação de ter sonhado que vivi lá durante quatro anos”, conta ela. Uma de suas primeiras providências, logo que o marido Laudo Natel se tornou governador, foi trocar a parede bordô da sala de refeições por uma pintura branca. “Quería morar numa casa com menos ar de castelo medieval.”